

Medicamento adia avanço do Alzheimer, mostra estudo

Remédio, que é voltado a pacientes em estágio inicial, ainda depende de aval nos EUA

Uma droga experimental de Alzheimer pode retardar em até 60% o agravamento do declínio cognitivo em pacientes no estágio inicial da doença, mostra estudo publicado ontem. A farmacêutica Eli Lilly busca a aprovação da Food and Drug Administration (FDA, agência similar à Anvisa nos Estados Unidos) para o remédio Donanemab.

Se liberado, este seria apenas o segundo tratamento de Alzheimer que mostrou de forma convincente o efeito de retardar a doença. O outro é o recentemente aprovado Leqembi, da farmacêutica japonesa Eisai.

"Finalmente há alguma esperança, certeza, sobre a qual podemos conversar", diz o diretor-médico da Lilly, John Sims, na Conferência Internacional da Associação de Alzheimer em Amsterdã, na Holanda. "Não curamos a doença. Diabete também não tem cura. Mas isso não significa



Exame de ressonância: combate já tem medicamento de origem japonesa

que você não possa ter tratamentos muito significativos para os pacientes".

Em maio, a Lilly antecipou que o Donanemab ti-

na efeitos sobre a doença. Ontem os resultados completos de um estudo com 1,7 mil pacientes foram publicados pelo Journal of the Ame-

rican Medical Association (Jama) e apresentados na conferência de Alzheimer. O tratamento é intravenoso e aplicado uma vez por mês. O produto retardou o declínio cognitivo em aproximadamente 35%, ao longo de 18 meses de estudo, em pacientes com taxas de baixas e moderadas da proteína Tau, uma proteína que é considerada um marcador do avanço da doença degenerativa.

Em casos de pacientes com níveis mais elevados da proteína, a desaceleração do declínio ficou na faixa entre 22% e 29%.

Tanto o Donanemab quanto o Leqembi são anticorpos produzidos em laboratório, que têm como alvo dos culpados pelo Alzheimer: o acúmulo de amiloide no cérebro. Ambas as drogas vêm com uma séria preocupação de segurança - inchaço ou sangramento cerebral que, no estudo da Lilly, foi associado a três mortes. (Estado Conteúdo)

Médicos alertam para riscos e custos altos

Os cientistas dizem que, embora essas drogas possam marcar uma nova era no tratamento de Alzheimer, grandes questões permanecem em relação a quais pacientes devem experimentá-las e quanto benefício elas realmente notariam.

"Os benefícios modestos provavelmente não seriam questionados por pacientes, médicos ou clientes se os anticorpos amiloides fossem de baixo risco, baratos e simples de administrar. No entanto, eles não são nada disso", escreveu Eric Widera, da Universidade da Califórnia, no Journal of the American Medical Association (Jama).

O estudo da Eli-Lilly inscreveu pacientes de 60 a 85 anos nos estágios iniciais da doença. Metade recebeu uma infusão por mês de Donanemab e a outra metade, simulados por 18 meses.

A principal preocupação de segurança é o inchaço ou sangramento cerebral, que muitas vezes não causa sintomas, mas às vezes pode ser grave, até mesmo fatal. Cerca de um quarto dos receptores de Donanemab

FRACASSO

Os cientistas há muito tentam falhar em retardar a doença de Alzheimer com medicamentos direcionados ao amiloide. A polémica aprovação condicional de 2021 do FDA a um medicamento chamado Aduhelm logo fracassou em meio à falta de evidências de que realmente funcionava. A aprovação do medicamento japonês Leqembi e dados promissores do Donanemab reacenderam o interesse em atacar o acúmulo de amiloide.

mostraram evidências desse inchaço e 20% tiveram micro-hemorragias.

Os cientistas já sabem que os pacientes que recebem qualquer terapia direcionada a amiloide precisam repetir exames cerebrais para verificar esses efeitos colaterais - um obstáculo caro e demorado.

Widera observou que a possibilidade de interromper o tratamento com Donanemab pelo menos temporariamente em pacientes que respondem bem ajudaria a limitar alguns desses desafios. (EC)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Mundo Caderno: B Pagina: 5